



CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO
DA RESTAURAÇÃO DO CONCELHO
DE OLIVEIRA DO BAIRRO

“A Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia vista por Camões”

por Henrique Barrilaro Ruas

Henrique Barrilaro Ruas

NOTA JUSTIFICATIVA

**A PRIMEIRA VIAGEM
DE VASCO DA GAMA À ÍNDIA,
VISTA POR CAMÕES**

bibRIA



Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

Henrique Barrilaro Ruas

bibRIA

FICHA TÉCNICA

Título: *"A Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia vista por Camões"*.

Autor: Henrique Barrilaro Ruas

Edição: Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

Capa: Pedro Capão

Fotocomposição: AMV - Aveiro - Tel. 234 343 242

Execução Gráfica: Tipografia Minerva Central, Lda.

Depósito Legal: 151382/00

I.S.B.N.: 972-97890-4-5

1ª edição, 2000

Exemplares: 1000

NOTA JUSTIFICATIVA

A convite da Câmara Municipal e integrada nas Comemorações do Centenário da Restauração do Concelho de Oliveira do Bairro e nos 500 anos do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, o Professor Henrique Barrilaro Ruas proferiu, no Salão Nobre destes Paços do Concelho, no dia 6 de Junho de 1998, uma palestra subordinada ao tema “*A Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia vista por Camões*”.

Constituiu e constitui esta palestra um reavivar da consciência histórica e da identidade nacional, um recolher da lição histórica, dada como quem dá um presente e em atitude de perfeita humildade. É-nos aqui apresentada uma multifacetada e integral visão sobre a Grande Viagem literariamente reflectida n’ *Os Lusíadas*. A Viagem universal que abriu novos mundos ao Mundo, criadora de um “*novo Reino*”, mais amplo nos propósitos geradores de uma humanidade mais universal, mais criativa e de mais integral serviço.

Esta palestra, tomando Vasco da Gama para figura central, apresenta-nos nele o heróico modelo a imitar. Na disposição habitual para o sacrifício pelo bem comum da sua pátria e da humanidade, revelou-se-nos ele um homem de grande virtude.

Saibam as actuais gerações – deseja o autor e desejamos nós – despertar “*para as obras de outros tempos, que são ainda suas pela memória e pelo amor*”, assumindo-as como uma segunda natureza, que as leve à realização do bem comum a que são chamadas.

O contributo, neste caso, da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, ao patrocinar a publicação desta palestra, vai pois, no sentido de proporcionar a essas mesmas gerações, uma oportunidade única de partilharem com tão ilustre palestrante uma viagem que despertando-lhes a consciência histórica, fomenta nelas amor e respeito que aos nossos maiores são devidos.

Ao Professor Henrique Barrilaro Ruas, reitero os meus agradecimentos.

Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, Novembro de 1999

O PRESIDENTE DA CÂMARA,


Afonso Domingues Gala (Dr.)

**A PRIMEIRA VIAGEM
DE VASCO DA GAMA À ÍNDIA,
VISTA POR CAMÕES**

bibRIA

Começo, naturalmente, por saudar a Vila de Oliveira do Bairro, e a sua Câmara Municipal, por esta iniciativa de celebrar a descoberta, há quinhentos anos, do Caminho Marítimo para a Índia. Terra de lavoura, Oliveira do Bairro pertence também àquele Litoral fecundo e empreendedor que pouco a pouco foi abrindo o Oceano. A ruralidade tem muito que ver com a marinharia. E é bom que as gerações de hoje sejam despertadas para as obras de outros tempos, que são ainda suas pela memória e pelo amor. Na pessoa do Senhor Presidente da Câmara, cumprimento toda a população do concelho.

Convidado a falar nesta primeira sessão comemorativa

da Viagem de Vasco da Gama, pareceu-me (uma vez que não sou perito em coisas de Navegação) aconselhável que me debruçasse sobre o primeiro grande reflexo literário da Grande Viagem, ou seja a epopeia de Camões.

Os Lusíadas têm a vantagem de ser conhecidos de todos os portugueses (e de muitos estrangeiros), oferecendo, assim, ao meu ilustre auditório uma base sólida para est' outra pequena viagem oratória para que foi convocado.

Importa, no entanto, começar por fazer uma opção. Será necessário, antes de tudo, escolher entre a análise literária à tessitura intratextual e contextual d' *Os Lusíadas* como fonte para o conhecimento que o mundo da cultura teve da viagem do Gama, e uma outra atitude, que seria o estudo, a investigação directa sobre o objecto histórico de que se trata, ou seja, a própria Viagem, e, tendo presente que essa viagem foi uma realidade histórica, procurar depois as coincidências entre ela e o texto do poema.

Confesso que hesitei até à última hora, e acabei por seguir praticamente os dois caminhos, embora dando preferência ao caminho directo da análise textual, sem me deixar levar, por outro lado, a desenvolver com demasiado pormenor, perante V.as Ex.as, qual a visão que o Poeta tem, não apenas de Vasco da Gama, mas da sua façanha.

Naturalmente que me refiro, sempre, à primeira das três viagens que o Navegador fez à Índia: aquela que, tendo começado em Lisboa em Julho de 1497, se concluiu no Outono de 1499; pondo de lado, quer a segunda, cumprida dois anos mais tarde, quer a terceira, quando, numa idade avançada, foi

encarregado pelo Rei D. João III de exercer as altíssimas funções de vice-rei da Índia – as quais exerceu efectivamente, mas por bem pouco tempo, tendo acabado por morrer em Cochim, a grande cidade ainda hoje amiga dos Portugueses, que viria a ser um dos principais focos de evangelização do Oriente, ao lado de Goa.

Tratarei, pois, aqui, de analisar somente a grande viagem, a universal, a que abriu novos caminhos ao Mundo. E o que me vai ocupar é, afinal, a visão que o Poeta nos transmite acerca desse feito imortal. Visão multifacetada, visão integral, que poderia sustentar um exercício longo e científico – mas agora nos dará pretexto para uma palestra despretensiosa e breve.

A primeira coisa que poderíamos perguntar a Camões havia de ser como definiria ele a viagem do Gama. (Eu uso aqui a expressão “o Gama”, que não está muito de acordo com os hábitos portugueses, mas sim com a tradição italiana; é essa a expressão que o Poeta habitualmente utiliza. Quando não diz “o Capitão”, diz, a maior parte das vezes, “o Gama”; raras vezes lhe chama de outro modo.) O que quereríamos saber era, portanto, se em algum lugar d’ Os Lusíadas estará contida uma definição da Viagem. Que é, para Camões, esse caminho pelo mar a partir de Lisboa até Calecut? É curioso que, na Proposição com que inicia o Poema, Camões não dá nenhuma atenção a esse problema. É como se já fosse óbvio que o que ele tem em mente na Proposição da sua epopeia só pode ser o conjunto da acção dos Portugueses como descobridores do Mundo e como construtores de um “novo Reino” noutra parte da Terra.

Esse “novo Reino” corresponde ao antigo Reino; mas

com mais amplidão, com outros propósitos de universalidade, sempre, porém, em ligação com o sentido de serviço de Deus, que o Poeta desde o princípio apresenta como a razão de ser dos Portugueses como Estado nacional. É interessante que, na Proposição, Camões não fale da viagem de Vasco da Gama (de modo explícito), o que tem levado alguns grandes críticos e historiadores literários a pronunciar-se negativamente quanto a este problema: será Vasco da Gama, para Camões, o herói da sua epopeia? Uma vez que era costume, na época clássica, que cada epopeia tivesse seu herói. Quer fosse Ulisses, quer fosse Eneias, sempre, na epopeia, havia um herói individual. E alguns ilustres críticos e historiadores pensam que não há, n' *Os Lusíadas*, um herói individual, até porque, na Proposição, Camões não trata, não diz que vai tratar expressamente da viagem de Vasco da Gama, mas do conjunto da acção dos Portugueses: "Que eu canto o Peito ilustre Lusitano, a quem Neptuno e Marte obedeceram." (I, 3). Direi que sou partidário da tese oposta.

Penso que, apesar de tudo, para Camões, a figura central, o herói (em termos técnicos) da epopeia, é, de facto, Vasco da Gama.

Creio que é o que temos de aceitar, uma vez que, logo depois da Proposição, logo na Dedicatória a El-Rei D. Sebastião e depois, com frequência, na Narrativa, quer seja quando o Gama fala ele próprio, quer quando o Poeta se exprime acerca da Viagem, muitas vezes se encontram fórmulas nítidas que representam essa viagem concreta e quem a comandou, a executou, o Gama. Seria exercício pouco adequado a uma

conferência a procura dessas fórmulas; mas elas estão efectivamente encontradas, e por elas se conclui, penso eu, ser Vasco da Gama a figura central, o Herói d' *Os Lusíadas*.

Bastaria, de certo modo, recordar que uma grande parte do Poema é constituída pelo discurso que Vasco da Gama dirige ao Rei de Melinde, um africano, um muçulmano... É certo que tal discurso não é um facto histórico, sobretudo no que diz respeito à extensão e à função que lhe atribui o Poeta. É evidente que o Capitão não esteve um dia ou dois a discursar perante o Rei de Melinde, para lhe contar a História de Portugal. Mas esse exercício poético de Camões (muito consciente das regras a que devia obedecer uma epopeia) lança-nos para um plano de fantasia significativa, mas não deixa de nos convidar a recolher a lição da História, não apenas como interessa a um estrangeiro, mas até como se prende a um nacional. Essa grandiosa exposição literária, que preenche, praticamente, os Cantos III, IV e V, pode ter o condão de reavivar em cada um de nós uma consciência histórica, uma identidade nacional, natural fonte de orgulho, embora algumas vezes, também, fonte de tristeza ou de humildade.

“Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha Gente a grão genealogia;

.....
Primeiro, tratarei da larga terra;
Depois, direi da sanguinosa guerra.”(C.III, 3/5)

São, sobretudo, as guerras, as discórdias, as tragédias, o que o Poeta nos recorda. Modelo de oratória clássica, esse

discurso coincide, nas linhas-mestras, com os relatos das Crónicas. Portugal dispunha já de uma Historiografia de excelente nível literário e científico, desde Fernão Lopes até D. Jerónimo Osório; mas havia também, e servia mais facilmente os desígnios de Camões, uma literatura mais aberta à Lenda e ao Mito. O Poeta utiliza eloquentemente as duas espécies de narrativas.

Se analisarmos bem o imenso discurso, veremos Vasco da Gama assumir claramente a posição de herói responsável por essa grande viagem que vai ser a conclusão feliz de todo um esforço feito por várias gerações de Portugueses. Com grande perícia, o Poeta mostra-nos o Gama inserindo na História nacional o seu próprio feito.

Mas Camões apresenta-nos Vasco da Gama fazendo outras intervenções oratórias.

Assim, podemos observar que o primeiro discurso que o Poeta atribui ao Gama – primeiro, não na ordem cronológica, mas na ordem literária, na estrutura do Poema, é aquele que o Navegador dirige ao Rei de Moçambique, ou seja, da ilha desse nome. É o primeiro contacto solene de Portugal com a África Oriental. E, embora Camões, seguindo os cronistas do tempo, não possa deixar de mostrar que não houve, dessa vez, entendimento entre os Portugueses e os nativos da Ilha, não deixa de anunciar, por outro lado, o propósito com que Vasco da Gama se dirige a esse Rei, ou seja, propor uma verdadeira aliança, em termos económicos e políticos. (Quem diz políticos diz, naturalmente, militares).

Trata-se, pois, da primeira proposta de aliança com os Africanos negros feita pelos Portugueses, pela voz de Vasco da

Gama. O mesmo se confirma noutros discursos, sobretudo no primeiro – e notável – discurso diplomático (conhecido, também, mediante as fontes históricas), feito pelo Gama ao Imperador do Malabar, o Rei de Calecut, que domina toda a costa ocidental da Península Indústânica. Aí se pode ver perfeitamente o intuito de propor aliança – uma aliança que seja útil para ambas as partes. É de notar como Camões tem o cuidado de mostrar, da parte de Vasco da Gama, perante o Rei de Calecut, esse desígnio claro. Como quem dissesse: se aceites esta aliança, essas largas relações económicas e políticas e o apoio militar dos Portugueses, sempre que precises deles em face dos teus inimigos, verás como tu vais ganhar grande utilidade, e o meu reino, grande glória. Aparece, pois, a ideia (que por vezes se oculta em obras históricas) de que, para Portugal, prevalecia um intuito, não tanto de natureza económica, de interesse material directo, quanto de alcançar a glória. Será – diria o Gama -, para o meu Rei, um motivo de exaltação, de honra e glória.

O mesmo se vê, aliás, quando, ao regressar da Índia, Vasco da Gama, segundo nos mostra Camões, vem trazer ao Rei de Portugal “novos títulos” e, nesses títulos, alguma coisa se encontra de uma expressão nova da História – a ideia de que um povo – e um pequeno povo de pouco mais de um milhão de habitantes, residente no extremo ocidental da “Última Hespéria” – vai ser cabeça de um Império que se desdobrará naquela espécie de ladainha (que, para nós, homens de hoje, tem, por vezes, um ar um pouco ridículo, quando não um ar trágico) que já o Velho do Restelo, no final do Canto IV d’*Os Lusíadas*, aponta criticamente com o dedo, dizendo: Que é isso, ó Rei, de

te queres agora encher da vã glória de novos títulos? Que vais tu fazer com esses títulos novos?(Que ainda não eram usados quando o Velho profeticamente se levanta...) “Senhor da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia”!

Tudo isso, todas as glórias virão trazidas pela mão de Vasco da Gama ao Rei D. Manuel; tudo isso lhe será oferecido. Quer dizer, pois, que o Gama é a figura central do Poema.

Figura central, também, por força dos contactos que desenvolve com um outro mundo, o mundo da mitologia clássica, especialmente greco-latina (no fundo, uma só, visto que a mitologia romana era, como diziam os Antigos, a “*interpretatio*” da verdadeira mitologia europeia, que era a helénica). Nessa “*interpretatio*”, em que Zeus passou a ser Júpiter, Afrodite passou a ser Vénus, etc., encontramos Vasco da Gama em conflito aberto com algumas dessas entidades misteriosas, especialmente com Baco (o Dionisos grego), mas por vezes com o próprio Neptuno, quando este se deixa influenciar pelo “Rei do Vinho”, ao qual a Água presta obediência. Mas vemos também os Portugueses auxiliados por Vénus e Marte, que ajudam os navegantes a libertar-se das dificuldades naturais que a Poesia gosta de atribuir à perversa iniciativa de deuses malévolos...

Encontramos, no Poema, as figuras históricas, como Vasco da Gama, Paulo seu irmão mais velho, Nicolau Coelho (os três capitães da armada).

Encontramos figuras secundárias, como Fernão Veloso, o intérprete Fernão Martins, Leonardo, que é talvez um marinheiro de cuja presença a bordo temos notícia mas que ao

mesmo tempo se dirá uma imagem viva do próprio Camões... Esse Leonardo que, no Canto IX (75-82), tem grande protagonismo, entre as Ninfas da Ilha dos Amores, ou melhor, junto de uma só ninfa, visto que, em toda essa fábula de maravilha, nunca o Poeta transpõe a regra da monogamia...

Encontramos, assim, todo esse entrecruzar e essa tessitura do “maravilhoso” cristão e pagão. Vemos que Vasco da Gama tem uma visão subtil e generosa da relação que pode existir entre o plano da Natureza, em que as entidades mitológicas figuram como representações das forças vivas que comandam os fenómenos, quer se trate da água, do céu, das estrelas, do fogo, e, por outro lado, o plano, toda a esfera, muito mais misteriosa, mais difícil de penetrar, que é a esfera do sobrenatural, do maravilhoso cristão ou bíblico (incluindo, portanto, não apenas o cristão mas o judaico).

E nós vemos que não há nenhum momento em que Camões perca de vista, quer se trate de Vasco da Gama, quer de qualquer outra figura da grande viagem – em que Camões hesite em dar a primazia ao aspecto espiritual do maravilhoso. É sempre a solução cristã (ou bíblica) que surge a resolver o conflito entre os dois planos. Essas duas esferas que são o maravilhoso naturalista pagão e o maravilhoso bíblico acabam sempre por ter uma unificação, promovida, comandada pelo sinal da Cruz ou, pelo menos, pela Paternidade divina. É o que se vê, de modo muito incisivo, no final do Canto IX (89-92), quando o Poeta, depois de mostrar todo o deslumbramento dos sentidos, o que tem de sensual a Ilha de Vénus, não hesita em nos oferecer, de tudo isso, uma interpretação radicalmente, profundamente,

simbólica. Para ele, como para o próprio Vasco da Gama e os outros portugueses, importa marcar uma perfeita subordinação do maravilhoso pagão ao maravilhoso cristão. Mercúrio já nos tinha, aliás, aparecido como se fosse um anjo de Deus, portador da mensagem salvífica. E, agora, nesse Canto IX em que se diria triunfar em toda a linha o naturalismo mais pagão, quase materialista e físico, de repente salta essa sublime chama do espiritual, manifestando que toda a glória sensual não é mais que vã- glória, a não ser que a aceitemos como imagem, imagem plural, múltipla, variegada, de uma profunda e sublime realidade que é o próprio Deus, em Si mesmo ignoto mas exprimindo-Se através das suas criaturas em todo esse florescimento de glórias vivas e terrenas, que não são outra coisa senão o prémio dado, em termos históricos, àqueles que souberam sacrificar-se pelo bem comum – o bem comum da sua pátria, o bem comum da humanidade, o bem comum da Igreja, pela qual, no fundo, eles trabalhavam.

Trata-se, pois, de uma visão muito diferente daquela que, por vezes, nos assalta e nos ofusca quando temos pela frente essas glórias dos sentidos. Porque, por exemplo, a própria relação, digamos individual, ou pessoal, de cada um dos navegadores com as “Deusas” da Ilha toma a expressão de um verdadeiro contrato nupcial. Curiosamente, Camões não se esquece de referir ter havido um entendimento formal, segundo um formulário quase diríamos canónico, no convívio amoroso das Ninfas com os portugueses. Quer dizer: o amor tem sempre regras, para ser verdadeiramente humano. Até no Canto IX...

Mas o discurso que, cronologicamente, precede todos

os outros é aquele que Vasco da Gama dirige ao Rei D. Manuel quando é escolhido para o grande feito histórico. D. Manuel, segundo a epopeia camonianiana, acaba de ser visitado, em sonhos, pelas figuras humanizadas dos dois grandes rios da Índia: o Ganges, rio sagrado, e o Indo, rio régio.

Essa visita nocturna é um apelo ao Rei para concluir o desígnio dos seus antepassados: ligar o Ocidente com o Oriente, Portugal com a Índia. A reunião do Conselho Real é mera formalidade. A votação dos conselheiros é contrária à viagem.

Mas o Rei está determinado. Chama Vasco da Gama:

“.....

Eu vos tenho, entre todos, escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve;
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
E que eu sei que por mim vos será leve.” (C.IV, 79)

Ainda o Monarca não tinha concretizado qual o serviço ou façanha pretendida, e já o nobre Gama irrompe:

“(...) Ó Rei subido!

Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

.....” (C.IV, 79-80)

Assim como o Rei, na semi-consciência própria do sono, conservava bem forte a consciência habitual da sua

responsabilidade de continuador de uma obra colectiva, assim o futuro Navegador revela a vontade nítida de cumprir o que (aparentemente ao menos) não sabia o que era. Num e noutro se manifesta, desta maneira, aquilo que os Antigos apelidavam de “virtude”, ou seja uma disposição habitual, uma “segunda natureza”, com a qual os homens se encontram potencialmente cumpridores de um bem a que são chamados.

Bastaria, só por si, a sequência dos discursos de Vasco da Gama n’ *Os Lusíadas* para nos permitir obter uma visão geral da Viagem na perspectiva de Camões.

A viagem de Vasco da Gama é uma viagem que pode ser encarada do ponto de vista técnico – e o respectivo estudo não pode ser feito aqui, nos seus aspectos de marinharia, com toda a técnica náutica, astronáutica, cartográfica, geográfica ... por exemplo, quando o Poeta nos mostra o Gama desembarcando em certo ponto da Costa africana ocidental, para tomar a “altura” do Sol (C.V, 25-26) ... Esse havia de ser um estudo positivo, quase diríamos positivista, nos seus diversos aspectos materiais, económicos, em seguida políticos, por fim sediados na cultura, na religião ... Mas pode e deve ser, ao mesmo tempo, estudada numa perspectiva global, como num grande filme que se desenrola. Um longo processo unificante. A geração de uma nova humanidade, na qual grandes coisas assentariam, grandes desígnios divinos, alta inspiração criadora e redentora...

Como o Poeta faz dizer a Vénus, símbolo mítico do Amor: “Quero que haja, no reino neptunino, onde eu nasci, progénie forte e bela” (C.IX, 42): palavras que, no seu contexto, equivalem a fazer votos por que uma outra humanidade, mais perfeita, mais

próxima da intenção divina, se espalhe pelo mundo. Em conclusão, poderemos dizer que, embora Camões em parte alguma do Poema nos ofereça exactamente a definição ou caracterização formal da Grande Viagem, não faltam esboços e também imagens vivas e fortes, intensas e luminosas, pelas quais nos revela o que foi, de facto, não apenas para Portugal mas para o Mundo, essa grande aventura dos Portugueses de há quinhentos anos. E uma das provas da grandeza histórica da Viagem do Gama está exactamente n' *Os Lusíadas*: nenhum outro feito da História, posterior à Antiguidade greco-romana, tem a assinalá-lo, na literatura universal, semelhante padrão, outro registo épico de valor comparável.

Se fosse preciso demonstrar a importância de Vasco da Gama e do seu descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, aí estaria Luís de Camões com o seu Poema...



Palestra proferida no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Oliveira do Bairro no dia 6 de Julho de 1998

bibRIA

CURRICULUM

VITAE

DE

HENRIQUE BARRILARO RUAS



Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas em 1945 (Universidade de Coimbra; 16 v.).

Foi Presidente do Centro Académico de Democracia Cristã (1942-43).

Foi bolsheiro do Governo Francês e do Instituto de Alta Cultura em Paris (1947-49).

Foi bolsheiro da Fundação Gulbenkian em Espanha (1959-60).

Foi Assistente de História na Faculdade de Letras de Lisboa (1953-57).

Foi Assistente do Centro de Estudos Sociais e Corporativos.

Foi Director dos Serviços Culturais da Mocidade Portuguesa.

Foi Professor ordinário provisório do Instituto Comercial de Lisboa (depois Professor auxiliar do ISCAL).

Foi Professor do Instituto de Novas Profissões.

Foi Professor extraordinário das Universidades Livre e Lusíada.

Reformou-se como Professor auxiliar do Ensino Superior (oficial) em 1987.

Foi Director literário da Editorial Aster.
Foi co-fundador e vice-presidente do Centro Nacional de Cultura.
Foi co-fundador da revista Cidade Nova.
Foi co-fundador da Convergência Monárquica e do PPM.
Foi deputado pelo PPM (1979-83).
Foi membro das Assembleias Municipais (sucessivamente) de Cascais e Lisboa.

É membro de:

Academia das Ciências de Lisboa (correspondente)
Sociedade de Geografia de Lisboa
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Sociedade Histórica da Independência Nacional
Academia Lusíada (de São Paulo)
Academia Internacional da Cultura Portuguesa

Publicou (em volume ou separata):

Vida do Santo Condestável
A Moeda, o Homem e Deus
Camões (esboço biográfico)
Ideologia-ensaio de análise histórica e crítica
Alguns Aspectos psico-pedagógicos dos Meios
Áudio-Visuais
Portugal – História e Geografia (em colaboração)
O Racismo nos Estados Unidos (em colaboração)

A Liberdade e o Rei
D. João II (tentativa de interpretação)
“Se partio ayrado delrey”
A Data do Desastre de Vatalandi
A Vida de S. Martinho de Soure
A Vita Martini Sauriensis como fonte para a História
ou das Instituições Eclesiásticas
Protectores Celestes no Noroeste Peninsular durante a
Reconquista.
Notas à margem da Vida de S. Frutuoso
As Aparições de Fátima na Crise Histórica de Portugal.
Luís de Camões.

Colaboração em:

“Dicionário de História de Portugal”, dirigido por Joel
Serrão;

“História de Portugal”, dirigida por João Medina.

Enciclopédias VERBO; Logos; Pólis; Biblos.



REPRODUÇÃO DO VITRAL DOS ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO

Separata do Livro das Comemorações
do 1º Centenário da Restauração do Concelho de Oliveira do Bairro